

CONCURSO DE DRAMATURGIA
CORPO SANTO
ETAPA ESTADUAL

UM TALHER, PARA SEMPRE...



Pseudônimo. DOM VIDAL
Autor: *Waldy Ribeiro Wierdig*

Concurso de Dramaturgia
 Grupo Santo - Etapa Estadual.

UM TALHER, PARA SEMPRE...

Dom Vidal

PERSONAGENS

Por ordem de entrada:

JUSTINO - Homem de negócios beirando os 60 anos, viúvo. Pessoa simples, de bons costumes, com a bondade estampada na fisionomia.

LAURO - Advogado jovem, na casa dos trinta anos, trajando bem, demonstra distinção, finura e inteligência.

DÉA - Mulata elegante, vestindo com simplicidade, revelando no trato a sua fina educação. É uma bela moça em que se harmonizam as melhores características de duas raças.

CIPRIANA ou BA - Preta velha, de idade avançada, humilde e ingênua, resignada com a sua condição social.

MATILDE - Mulatinha nova, viva e desinibida, vivendo sem recalques, satisfeita e feliz.

DOLI - Amiga de Déa, sofisticada e ambiciosa, de belos e oxigenados cabelos.

CARLOS - Rapaz pobre, perto dos 30 anos, bem-humorado e alegre, esconde uma íntima amargura de que não se conhece o motivo.

+++++

Concurso de Dramaturgia
Corpo Santo - Etapa Estadual.

UM TALHER, PARA SEMPRE...

Dom Vidal

LOCAL

Uma cidade brasileira.

EPOCA

Atualidade

CENARIO

Sala confortável, ampla e elegante. Na frente, à D, um belo piano; à E, um largo sofá e duas poltronas mais para o meio da sala, com uma mesa baixa à frente, sem flores. Rico tapete, quadros... Toda a peça revela riqueza e bom gosto. No fundo, ao centro, entrada para o interior da casa, oculta ou semi-aberta por uma pesada cortina; à E, larga porta envidraçada, dando para uma sacada ou jardim de inverno.

AUDIO

Ao início e fim de cada ato, música de fundo, característica, de curta duração.

+++++

Concurso de Dramaturgia
 Qorpo Santo - Etapa Estadual

UM TALHER, PARA SEMPRE...

Dom Vidal

1.- 1º ATO

1.1. - CENA

(Ao subir o pano, vão entrando JUSTINO e LAURO, aquele com o braço direito sobre os ombros do outro, conduzindo-o amigavelmente).

JUSTINO - Vai entrando, vai entrando... Mas que surpresa agradável! Quando poderia imaginar...

LAURO - (Andando com JUSTINO) Sabe como são essas coisas... Os dias vão passando, vamos adiando os projetos por isso ou por aquilo até que chega uma vez e acontece o momento.

JUSTINO - Eu sei, eu sei... (Leva LAURO a sentar-se numa das poltronas) Senta-te, vamos! E me conta da tua vida, do que tens feito. Muitas causas? Boas rendas? E o Mario Avelar, tens visto? Ainda vive com aquela mulher?

LAURO - (Acomodando-se na poltrona e respondendo à última pergunta de JUSTINO) Casou.

JUSTINO - (Que vai sentar-se na outra poltrona, admirado) Casou?! Não diz! (Ajeita a poltrona sentando-se quase de frente para LAURO).

LAURO - Afinal, era o que a família esperava que ele fizesse.

JUSTINO - (Concorda) E claro, claro... (Depois de rápido silêncio) E tu? Continuas solteiro?

LAURO - Bem, ainda me acho em meu juízo perfeito...

JUSTINO - (Paternal) Juízo, juízo... Juízo terias se já tivesses pensado em ajeitar tua vida. Olha, meu filgo, o homem só descobre o sentido da felicidade depois que casa.

LAURO - (Com cinismo) Mas aí já será tarde demais...

JUSTINO - (Ri, com gosto e pois se torna sério) É boa. Olha, eu nunca me arrependi da haver casado, em nenhum momento da minha vida.

LAURO - O senhor teve dona Júlia, uma santa criatura.

JUSTINO - (Fixa os olhos num ponto perdido do espaço, recordando) Por tão pouco tempo! (Mudando o tom) Mas, vamos lá! Não nos deixemos entristecer com recordações. Valha a alegria deste encontro. E então? Ficarás aqui por muitos dias?

LAURO - Ainda não sei. Se tudo correr bem, pode acontecer que eu me estabeleça por aqui, definitivamente.

JUSTINO - Ótimo! É por enquanto, onde pretendes ficar?

LAURO - (Embaraçado) Bem, eu gostaria...

JUSTINO - (Sorrindo) Já sei, já sei. Queres ficar aqui, não é? Claro, não há problema. Eu jamais deixaria que fosses para um hotel. Onde se viu?

LAURO - Francamente, não quero incomodar, mas o senhor sabe...Um solteirão sem família sente, às vezes, necessidade de uma atmosfera de lar, mesmo alheio.

JUSTINO - Não tanto alheio, assim. Mas, pelo que vejo, não estás tão longe do casamento quanto dizes. De qualquer maneira, todos gostaremos que fiques aqui em casa. É sempre um prazer pôr um talher a mais na mesa, para um amigo.

LAURO - Muito obrigado.

JUSTINO - Mandaste descer a bagagem? Espera aí. (Levanta-se) Vou providenciar para que te arranjem um quarto.

LAURO - (Levanta-se, também, disposto a acompanhar JUSTINO) Vou consigo.

JUSTINO - ((Protestando) Não, senhor! Deixa isso p'ra mim. Vou mandar Déa p'ra conversar contigo. (Vai saindo) Não me demoro.

LAURO - (Surpreso) Déa?

JUSTINO - (Voltando-se, já da porta) Minha filha.

LAURO - (Ainda admirado) Não sabia que tinha uma filha.

JUSTINO - (Explicando) Filha adotiva, sabes? Depois te conto a história toda. (Sai).

1.2. - CENA

(LAURO, só, acomoda-se no sofá, circunvagando o olhar pela sala. DEÁ entra, vestindo um "jeans" desbotado e blusa branca. Seu único adorno são dois grandes brincos dourados, em forma de argolas, contrastando com o escuro da pele).

DEÁ - (À frente de LAURO) - É o dr. Lauro, suponho.

LAURO - (Distraído, tirando do bolso a cigarreira, disposto a acender um cigarro) Sim. Quer me trazer um cinzeiro?

DEÁ - (Com naturalidade, dirige-se até o piano e daí traz o cinzeiro, que põe sobre o braço do sofá ao alcance de LAURO. Senta-se na poltrona antes ocupada por Justino, de forma a encarar LAURO) - Papai me mandou conversar consigo.

LAURO - (Surpreso, pára, em meio ao gesto que fazia de levar o fósforo aceso ao cigarro) Ah! Então, você... Você é Déa?!

DEÁ - (Admirada do seu espanto) Sim. Papai não o avisou?

LAURO - (Ainda não refeito, conserva entre os dedos o fósforo aceso) Bem, ele não me disse...

DEÁ - (Julgando compreender) Ah! Entendo... (Quase com raiva) Ele não disse que eu era negra.

LAURO - (Percebe o erro que cometeu) Perdão, não quis dizer isso! (Sacode o fósforo que lhe queima os dedos, levantando-se).

DEÁ - (Rindo baixinho) Morena, então?

LAURO - (Desolado) Por favor, eu pensei...

DEÁ - (Impiedosa) Pensou que eu fosse a empregada?

LAURO - Você está sendo injusta comigo.

DEÁ - (Irônica) Estou?

LAURO - Claro! (Franco) Você não se surpreenderia se eu fosse mulato, também?

DEÁ - (Pensativa, com uma sombra no rosto) Mulato... É... tem razão.

LAURO - (Coloca no cinzeiro o cigarro e o fósforo apagado, desistindo de fumar) Escute, Déa: seu pai é meu amigo. Quero que você também seja.

DÉA - (Sem se deixar convencer) Por causa de papai, naturalmente.

LAURO - (Sincero) Não! Creia-me. Lembrei-o para conquistar sua boa vontade. Por favor, não me julgue cheio de tolos preconceitos.

DÉA - Até onde vão, eles?

LAURO - Voltamos a discutir?

DÉA - (Sorrindo-lhe) Não... Na verdade, estou fazendo um juízo muito apressado a seu respeito e, com isso, faltando aos meus deveres de hospitalidade. Peço-lhe desculpas.

LAURO - Não há por quê. (Estendendo-lhe a mão, fingindo formalidade) Muito prazer, dona Déa.

DÉA - (Levanta-se, apertando-lhe a mão e usando o mesmo tom) O meu é igual, doutor Lauro. (Pedindo) Sente-se.

LAURO - Tire o doutor. Deixa-me velho... (Senta-se).

DÉA - (Indecisa) Bem... (Decidida) Lauro, então. (Senta-se).

LAURO - Isso! Assim está bem. E agora, pode perguntar-me se fiz boa viagem, se estou gostando da cidade...

DÉA - (Interrompendo-o com uma risada) Não, não lhe vou perguntar nada disso. Antes, perguntaria que idéia fazia de mim?

LAURO - (Com um sorriso) Não está provocando?

(De dentro ouve-se a voz de CIPRIANA chamando: Déa?)

DÉA - (Respondendo) Estou aqui, Bã! (Para Lauro) É "tia" Cipriana, uma preta velha...

LAURO - (Animado, interrompendo) Conheço!

1.3. - CENA

CIPRIANA - (Entrando) Déa, minha fia... (LAURO levanta-se, dirigindo-se para ela. A preta velha, ao vê-lo, leva as mãos juntas ao peito, assustada) Nhôzinho Lauro!

LAURO - (Abraçando Bã e beijando-lhe as faces com sincera alegria) Ele

mesmo, "tia" Cipriana. Como vai a senhora?

CIPRIANA - (Afasta-o de si, segurando-lhe ambos os braços e olhando-o maternalmente) Mecê tá um homão! Credo em cruz! Nem parece aquele guri magricela! Cumo é que apareceu par aqui, tão de repente?

(DEA observa atentamente o colóquio entre os dois).

LAURO - (Com as mãos sobre os ombros da preta) Pois é para a senhora ver. Como estava ralado de saudade...

CIPRIANA - (Fingindo enfado, tira as mãos de LAURO de seus ombros)
Num vai me dizê que mecê veio só pra vê a carapinha da preta véis?

LAURO - (Sorrindo) Pela carapinha, não. Mas por certos bolinhos...

CIPRIANA - (Comovida) Cê se alembra, meu fio?! (Seca os olhos rasos d'água com a mão calejada) Mais a preta véia já tá um caco, e não sabe mais fazê as coisa gostosa dos outro tempo.

DEA - (Entrando na conversa) Ela está querendo elogios, Lauro. Bem que ela ainda sabe fazê-los, não é, Bá?

CIPRIANA - Tu tá adulando, qué agradá. (Para LAURO) Ela tem um coração de ouro, nhôzinho. Diz isso de boa que é.

DEA - Não me faça melhor do que sou, Bá.

LAURO - Eu acredito em "tia" Cipriana.

CIPRIANA - Pois é... (Olhando, ainda admirada para LAURO) Mais mecê tá aqui! Custu aquerditá!

LAURO - Pode acreditar, "tia" Cipriana. (Tomando-a pelo braço: Venha, vamos conversar um pouco.

CIPRIANA - (Esquivando-se e reprovando) Meu lugá é na cozinha, nhôzinho. Era só o que faltava, me assentá aqui na sala!

DEA - Não se faça de rogada. (A humildade da preta parece irritá-la)
Papai disse que hoje é dia de festa.

LAURO - (Insistindo) Venha me contar...

CIPRIANA - (Interrompendo) Ahi! Tão quereno muita coisa. E quem é que

vai cuidá do serviço? (Lembrando) Pur falá em serviço! Déa, minha fia, perciso de mecê, um instantinho, lá dentro.

1.4. - CENA

JUSTINO - (Entrando) Pronto, "seo" Lauro. Tudo arranjado. Pode considerar-se em sua casa. (Parando junto a LAURO e CIPRIANA)
Então? Matando saudades?

CIPRIANA - Pois é, dotô. E o sinhô não me disse nada!

LAURO - (Respondendo por JUSTINO) Ele quis fazer-lhe uma surpresa.

DÉA - Não foi melhor assim?

JUSTINO - (Afiagando a carapinha da preta velha) Boa "tia" Cipriana ,
bem que gostaria de vê-la alegre, assim, todos os dias.

CIPRIANA - Gente véia como eu não pode se alegrá muito, "seu" dotô .
Num presta...

LAURO - Hoje, a senhora pode alegrar-se à vontade. E se não quiser
conversar comigo, vou lhe atrapalhar na cozinha.

CIPRIANA - (Levantando o indicador) Como mecê fazia , de premero!(Pa-
ra DÉA) Bem, minha fia. Temo que fazê. Dixa eles aí, fa-
lando de nós.

DÉA - (Sorrindo, se dispõe a sair com "tia" CIPRIANA) Vamos, Bá. Se
falarem mal de nós, vão ver! Com licença, Lauro.

(LAURO e JUSTINO sorriem, enquanto DÉA e CIPRIANA se afastam)

1.5. - CENA

LAURO - (Sentando-se, à vontade) Então "tia" Cipriana aí está, ainda
forte e sadia.

JUSTINO - Apesar de toda a sua idade. (Senta-se na outra poltrona) Ela
tem sido uma verdadeira mãe para Déa.

LAURO - (Como recordando velhos tempos) Nunca pensei que voltasse a
ver "tia" Cipriana!...

JUSTINO - É uma santa criatura.

LAURO - E adora Déa, pelo que se vê.

JUSTINO - Sim, quer-lhe muito bem e Déa a estima extraordinariamente .

(Com uma pequena pausa) Não sei que seria de mim, sem ela, quando Júlia morreu.

LAURO - Refere-se à "tia" Cipriana?

JUSTINO - Não, refiro-me a Déa, minha filha.

LAURO - (Provocando uma confidência) Ela...

JUSTINO - (Contando) Déa é filha da Celina, que cuidava de mamãe. Não sei se te lembras?

LAURO - (Fazendo um esforço de memória) Tenho uma vaga recordação...

JUSTINO - (Continuando) Quando casei, Júlia quis trazer a menina; gostava muito dela. Mamãe, quem poderia se opor, já não existia. Trouxemo-la conosco. Júlia apelidou-a; Branca de Neve.

LAURO - (Estranhando) Branca de Neve?

JUSTINO - (Explicando) Por ironia carinhosa à sua cor escura e por causa do seu arzinho importante. Queríamos que ela viesse ajudar a criar nossos filhos. Infelizmente, Deus não quis assim...

LAURO - Que idade tinha Déa? Sabe? Não consigo lembrá-la.

JUSTINO - Não poderias. Tinha dez anos quando a trouxemos para casa, e então, já tinhas ido para a Faculdade...

LAURO - (Aproveitando breve pausa de JUSTINO) Graças à sua ajuda.

JUSTINO - (Como fazendo um parêntesis) Não menciones. (Continuando:) Antes, nunca seira de "Santa Gertrudes", pois mamãe não queria separar-se dela. Déa, apesar da idade, era uma pequena mulherzinha, muito viva e inteligente. Júlia, foi quem soube encorajar e dar consolo. Depois... (faz uma breve pausa) eu resolvi adotá-la.

LAURO - E o pai dela, de Déa?

JUSTINO - (Procura esconder o constrangimento da sua confissão, desviando o olhar para os quadros da parede) Celina, a mãe, morreu ao dá-la à luz. (Hesitante) O pai dela... Não sei... Eu criei-a como filha, eduquei-a nos melhores colégios, dei-lhe

tudo quanto podia...

LAURO - Déa é uma verdadeira dama.

JUSTINO - (Com tristeza) Apenas... dia ser branca.

LAURO - (Um tanto surpreso com o tom doloroso de JUSTINO) Entendo...

JUSTINO - Não creio que entendas. Eu... (Dando de ombros) Enfim, interessa-me é vê-la feliz, como merece.

LAURO - Certo. (Interessado) Diga-me: Déa não se sente isolada?

JUSTINO - Não creio. Em casa, talvez. Mas Déa tem muitas distrações e uma vida social intensa. Naturalmente, ela é rica. Todos a sabem herdeira da minha fortuna. E isso aplana certas... diferenças.

LAURO - Entendo. Mas sempre há discriminações sutis... Déa não sofrerá com isso?

JUSTINO - (Indeciso) Creio... Não sei... Déa tem, também, uma personalidade envolvente que conquista facilmente as pessoas. Em todo o caso, nunca se queixou.

LAURO - É claro. Ao senhor, principalmente, creio que nunca o faria.

JUSTINO - (Concluindo mal das palavras de LAURO) Você acha que Déa... Que eu não devia criá-la como uma moça branca?

LAURO - (Negando) Absolutamente! Não quis dizer isso. Apenas interessei-me o assunto porque Déa é sua filha adotiva.

JUSTINO - Bem, às vezes também tenho as minhas dúvidas, mas... (Levanta-se, num repente, irritado) O mundo que vá para o inferno! Sou um pai muito egoísta, Lauro. E para mim, Déa é uma moça branca. O resto... o resto que se dane!

LAURO - (Um tanto admirado pela explosão do amigo) Vejo que a quer como filha, mesmo.

JUSTINO - (Com profunda convicção) Sim! Como minha filha! Déa é tudo p'ra mim e o meu bem mais valioso. Hei de fazê-la feliz, mesmo que me custe a vida! (Depois de alguns passos pela sala, volta a sentar-se, mais sereno) É isso aí, "seu" Lauro...

Quando você tiver filhos, (corrigindo-se:) filhos, mesmo, de verdade, saberá julgar os problemas de um pai.

LAURO - Disse, alguém, que o homem só sabe ser filho depois que é pai, e só sabe ser pai quando já é avô.

JUSTINO - (Rindo) É isso aí!

(De dentro, ouve-se a campainha de um telefone. LAURO e JUSTINO ficam em silêncio, atentos).

1.6. - CENA

DEA - (Entra e dirige-se para JUSTINO) Papai, alguém quer falar consigo ao telefone.

JUSTINO - Muito bem. (Levanta-se para sair) Vou ver quem é, Lauro.

LAURO - (Para JUSTINO saindo) Não se importe comigo. Fico em boa companhia. (JUSTINO sai).

1.7. - CENA

DEA - (Reportando-se ao diálogo à sua saída) Então? Falaram muito de nós?

LAURO - Falamos muito em você.

DEA - (Sem se mostrar curiosa) Posso saber a que respeito? (Senta-se).

LAURO - (Brincalhão) Vou fazer a fofoca... O dr. Justino confessou - me não saber se você é verdadeiramente feliz.

DEA - (Com leve emoção) Pobre papai. Preocupa-se demais comigo.

LAURO - Mas... é feliz?

DEA - (Depois de breve reflexão) Sim, sou. Papai me quer; "tia" Cipriana - Bá - me adora; todos me querem bem, afinal. Posso dizer que vivo rodeada de afeições, algumas até sinceras e desinteressadas. Não é isto a felicidade?

LAURO - Até certo ponto. Em casa, será feliz. Mas não tem outras amizades, outras afeições?

DEA - (Com ligeira amargura) Os amigos leais são, sempre, raros.

LAURO - Não deixa de ser uma dolorosa verdade.

DEA - (Confidenciando) Tenho muitas relações, em que pese a minha cor.

Mas mesmo preta, sou uma moça rica. É o dinheiro não só escurece certas coisas; às vezes as alveja.

LAURO - Não me parece que você precise do dinheiro para ser querida. É inteligente, culta e, principalmente, bonita.

DEA - (Sem se deixar influenciar pelo elogio) Obrigada, pelo galanteio, mas a questão não é essa. A natureza fez, apenas, entre brancos e negros, uma diferença superficial de pigmentação. Os homens brancos é que a tornaram profundamente psicológica e social.

LAURO - Em todo o caso, em se tratando de amizade, a cor não conta.

DEA - São casos pessoais, meras exceções. Veja o seu caso: sua amizade não tem nenhuma limitação, tratando-se de uma negra, como eu?

LAURO - (Protestando) Você faz questão de chamar-se negra, mas não é.

DEA - (Deixando perceber um tanto de sua indignação interior) Não importa. Era-o minha mãe, negra. Eu me orgulho dela. Afinal, você acha vergonhoso alguém ser preto?

LAURO - (Um tanto surpreendido) Naturalmente que não. Mas seu pai...

DEA - (Interrompendo, com profundo desprezo) Meu pai! Não conheci meu verdadeiro pai. Nem sei se vive ou é morto. (Com ira) Sei que era branco. Infelizmente, a vergonha e a coragem não fazem parte da alvura da pele. Ele abandonou minha mãe, morta por sua causa. Abandonou-me, a mim, sua filha. (Com amarga ironia) Ele era branco, Lauro.

LAURO - (Um tanto melindrado com a implícita generalização de DEA) O dr. Justino também é...

DEA - (Enternecendo-se à menção do pai adotivo) Papai, não! Papai é como se fosse branco por mero acidente. Papai não tem cor, sabe? (Ri de sua própria comparação) Ele é de outra raça...

LAURO - Em sentido figurado, concordo plenamente. Porém isso não resolve a questão.

DEA - Há uma questão a resolver?

LAURO - (Com seriedade e franqueza) Entre nós, há. Nos conhecemos recém... (Olha o relógio no pulso e observa) Não faz uma hora! E tudo quanto você fez, na nossa conversa, foi exibir o seu complexo de "branco-e-preto". Você é mentalmente branca...

DÉA - (Ironicamente alegre) Que coisa linda!

LAURO - (Sem fazer caso do aparte) ... mas quer ser mentalmente negra. No entanto, você se diz negra fisicamente e fisicamente quer ser branca. Estou certo ou errado?

DÉA - (Pensativa) Talvez...

LAURO - Você me dá a impressão de sofrer por isso, por essa obsessão. Não percebeu ainda? Não tentou curar-se? Você pode.

DÉA - (Sorrindo) Afinal, você é advogado ou psicólogo? (Séria) Aprecio a sua franqueza e acho que você, talvez, tenha razão. Mas eu não sofro por mim, mais é pelos meus irmãos de raça impiedosamente discriminados pelo branco.

LAURO - Não creio tão "impiedosamente", assim.

DÉA - Claro, você é branco, sua impiedade é inconsciente. Mas a discriminação existe e isso você não pode negar. Eu, às vezes, chego a pensar que o branco tenha medo de que o negro venha a se sobrepôr a ele, revertendo a situação atual e...

LAURO - (Chamando a atenção) Você está fugindo do assunto.

DÉA - (Admirada) Não acho!

LAURO - (Sentencioso) O assunto é você. Como se sente diante da situação atual?

DÉA - (Condescendente) Eu não deveria queixar-me, porém dói-me a hipocrisia que vejo ao meu redor. Por ser rica, diria que eu pago a tolerância com que a sociedade me recebe. Você poderá dizer que a culpa é minha por introduzir-me no lugar que não é meu. (Exaltando-se um tanto) Mas qual é o meu lugar? Entre as mulatas cozinheiras, arrumadeiras... que são cozinheiras e arrumadeiras porque não lhes dão oportunidade de passar daí? Não,

Lauro! Eu tenho instrução, sensibilidade e carinho dentro de mim, tanto quanto muita moça branca que nem sequer é virgem. (Quase agressiva:) Ou você acha que eu deva fazer parte das mulatas do Sargenteli? Ou, quem sabe, distribuir umas miçangas pelo corpo e desfilar de fio-dental na Marquês de Sapucaí?

LAURO - (Rindo) Menina! Você faria um sucesso!

DÉA - (A princípio franze o cenho, depois sorri) Você está ficando atrevido.

1.8. - CENA

JUSTINO - (Entrando em cena) Puxa! O homem gosta de conversar. (Já diante LAURO e DÉA, em tom de urgência) Escute, Lauro preciso sair, agora. Não queres aproveitar o carro para algumas voltas no centro?

LAURO - A carona vem a calhar (Levanta-se).

DÉA - (Finge desolação) Pronto! Lá se vão os dois e me deixam só!

JUSTINO - Se quiseres. Por que não vens conosco?

LAURO - E poderia me servir como cicerone.

DÉA - (Para JUSTINO) Não, papai. Preciso ficar. (Para LAURO) E você não se perderá por falta de cicerone (Levanta-se).

(Saem, os três).

1.9. - CENA

(Depois de um instante em que a cena fica vazia, entra MATILDE, com traje de empregada, espanador numa das mãos e cantando, a meia voz, um samba da atualidade. Anda pela cena com naturalidade, limpando aqui e ali, arrumando um que outro objeto em seu devido lugar. Seu modo denota uma pessoa que exterioriza a sua alegria sem exagero. Logo se ouve, no interior, o som musical de uma campainha de entrada. Sempre trauteando o samba de sua predileção, MATILDE sai para atender).

1.10. - CENA

(DÓLI entra primeiro. Muito elegante, veste com ostentação e exhibe jóias em profusão: anéis, pulseiras, brincos e colares. MATILDE a segue).

MATILDE - (Gentil) Sente-se, dona Dóli. Já vou chamar Déa.

DOLI - (Estranhando) Déa?! Você a trata com essa intimidade? (Absolutamente, ela não concorda com isso. Senta-se).

MATILDE - Ela é quem quer assim. Diz que somos da mesma côr...

DOLI - Lá isso é verdade. (Com segunda intenção) Mas não namora o chofer?

MATILDE - (Ri com gosto) Claro que não. Quem namora o chofer sou eu.

DOLI - Já vi você na porta com ele. E olhe lá! Custei a ver que eram dois.

MATILDE - (Feliz) Arnaldo é um gostosão...

DOLI - É Déa sabe?

MATILDE - Sabe, sim. Ela, até, me prometeu o enxoval. Quer dizer... se nos casarmos. A senhora sabe, os homens gostam muito de apertar, mas quando a gente é que aperta, eles dão no pé.

DOLI - (Ofendida) Eu não sei disso, não!

MATILDE - (Sem convicção) Desculpe.

DOLI - (Um tanto confidencial) Escute, esse moço que eu vi saindo com o dr. Justino é namorado de Déa?

MATILDE - (Reprovando) Credo! Ele chegou hoje, dona Dóli.

DOLI - (com alguma maldade) Anda tanto homem atrás do dinheiro dela...

MATILDE - (Com fingida inocência) E tanta louca se ralando de inveja.

DOLI - (Ofende-se) Ah! (Com secura) Vá chamar Déa, por favor.

MATILDE - (Com uma pequena reverência) Com sua licença. (Faz uma careta às costas de DOLI e sai).

1.11. - CENA

DOLI - (Falando para si mesma, mal a empregada desaparece) Não se pode dar confiança p'ra negro. (Abre a bolsa e retoca a pintura. Seu rosto denota certa preocupação. Olha-se no espelhinho e ensaia o semblante para desolação, abatimento e pranto. Ao ouvir os passos de DÉA, que se aproxima, retoma o ar natural).

(Entrada de DÉA)

DÓLI - (Levanta-se rapidamente ao ver DÉA entrar, indo-lhe ao encontro) Como vais, meu benzinho?

(AMBAS se abraçam, de longe, beijando-se de leve nas faces).

DÉA - E daí? Que bons ventos te trouxeram?

DÓLI - (Loquaz) A saudade. Fazia tanto tempo que não te via! Senti a tua falta. Não tens comparecido às nossas reuniões, ultimamente. Não tens aparecido lá em casa... Estiveste doente?

DÉA - Não, nada disso. Tenho trabalhado muito. Senta-te.

DÓLI - (Obedecendo, com espanto) Trabalho?!

DÉA - (Que sentou-se ao mesmo tempo que a outra, não compreende o seu espanto) Sim, trabalho. Por que te admiras? Papai tem precisado muito de minha ajuda, nestes últimos dias. Além disso estou ensinando Matilde.

DÓLI - E que lhe ensinas, tu?

DÉA - Música. Matilde quer apresentar-se na TV.

DÓLI - (Reprovando) Que pretensão! E te prestas p'ra isso? Por isso foges às tuas amizades?

DÉA - (Serena) Não, não fujo às minhas amizades. Matilde é, também, minha amiga.

DÓLI - (Ofendida) Déa! Não queres igualar-me a Matilde, não é? Oh! Não!

DÉA - (Com ironia que a outra não percebe) Não, Dóli, não quis fazer nenhuma comparação. Matilde pertence a outro rol de amigas.

DÓLI - (Aliviada) Ainda bem. Cheguei a pensar que me punhas no mesmo nível de uma negra.

DÉA - (Como fazendo uma simples referência) Pois Matilde e eu temos a mesma cor...

DÓLI - (Atrapalhada) Não! Tu não és negra. O teu caso é diferente...

DÉA - (Cansada) Não tem importância, Dóli. Sei bem o que é isso.

DÓLI - (Tentando mudar o assunto) Tampouco quis te chamar de negra!
(Com um risinho hipócrita) Era só o que faltava! Seria muita ingratidão minha!

DÉA - (Sorrindo) A ingratidão também tem cores.

DÓLI - (Protestando, por si) Sim, mas eu nunca te fui ingrata. Olha, Déa: se soubesses quantas vezes tenho te defendido, quando fazem mal de ti! Sinceramente, não permito que digam "isso" de ti na minha frente ("Isso" é mostrado, com muito coquetismo, na ponta do dedo mínimo).

DÉA - (Para ser agradável) Acredito e muito te agradeço.

DÓLI - Oh! Não me agradeças, Como se eu não te devesse tantos favores. (Mostrando-se embaraçada) Mesmo agora, Dé, eu... Eu vim justamente pedir-te um...

DÉA - Estou às tuas ordens.

DÓLI - (Mentindo descaradamente) Sabes, tenho uma lista de donativos para uma campanha de beneficência pró meninas desamparadas. E a minha lista está tão pobre! (Com que fingida pena o diz!) A Clarinha, a Arminda, a Doroti, todas já completaram dois mil reais. (Muito entristecida) E a mim, Déa... faltam ainda mil e quinhentos. Compreende, não posso ficar por baixo. Preciso completar a minha cota. Entendes, não é?

DÉA - (Não acreditando em nada do que a outra lhe diz) Entendo.

DÓLI - (Adulando) Lembrei-me, logo, de ti. Tu, que és tão caridosa, tão boa, poderias ajudar-me e às meninas, pobrezinhas. Afinal, mil e quinhentos reais não são uma fortuna. Não para ti, com certeza. E eu te agradeceria tanto!

DÉA - Falarei com papai, Dóli. Minha mesada esgotou-se, mas ele me dará um adiantamento, para que eu possa ajudar-te.

DÓLI - (Entusiasmada, saindo de seu lugar para beijar DÉA em ambas as faces) Déa! Déa! Minha boa amiga! Muito, muito obrigada!

DÉA - Apenas, haverá uma condição, Dóli.

DÓLI - (Assustada) Condição?

DÉA - (Com dura franqueza) Sim, uma condição: que não arranjes mais essas listas beneficentes cada vez que percas dinheiro no bridge,

no pife ou noutro jogo qualquer. De acordo?

DOLI - (Junta as mãos ao peito, como a bradar contra uma enorme injustiça) Déa! Sugeres...? Oh! Não acredito que penses...

DÉA - (um tanto contrafeita com a cena de DOLI) Nada estou sugerindo. Apenas, que deixes de jogar.

DOLI - (Com ares de ofendida) Mas deixaste-me supor uma coisa horrível.

DÉA - Pois supuseste a verdade.

DOLI - (Como antes) Então é verdade que pensas... Não! Quem te disse semelhante infâmia? Estás completamente enganada, Déa! Jamais seria capaz de extorquir-te dinheiro desta maneira! Explorar tua bondade para com os pequeninos! Tirar deles...

DÉA - Não é deles que tiras. Tiras de mim. Para ser mais franca, eu sei que essas campanhas beneficentes são invenções tuas.

DOLI - (Ainda tentando negar) Que horror! (De sua bolsa tira um lençinho com o qual espreme algumas lágrimas. Observando que DÉA não procura consolá-la, convence-se de que é melhor confessar. Com essa resolução o pranto se torna soluçante) Oh! Déa, minha boa amiga, perdoa-me! Querida, eu não sabia... Foi um momento de loucura!

DÉA - (Sem deixar-se influenciar pelo pranto de DÉA) Foram três momentos de loucura, com este.

DOLI - (Continua o choro) Sim, sim... Como estou arrependida! Perdoa-me, querida! Mas por certo compreenderás...

DÉA - (Ergue-se, enojada) Compreendo, Dóli. Inclusive teu arrependimento fingido.

DOLI - (Soluça mais forte) Não...

DÉA - Eu sei que para ti, não é imoral tirar dinheiro de uma negra que quer passar por branca. Por que há-de a mulata querer tanto dinheiro, senão para pagar a honra da companhia da moça branca? Por que há-de a tua alva mão tocar a minha mão escura sem levar algo, na volta? Não, eu compreendo, Dóli. Terás o teu di-

nheiro, prometo-te.

DÓLI - (Cujos soluços se foram espaçando) Não posso aceitar, agora. (A dor da recusa extravasa nas palavras).

DÉA - Não queres, mesmo?

DÓLI - (Com pesar) Oh! Déa, não. Não devo... No entanto, eu preciso ■ tanto desse dinheiro!

DÉA - (Suavemente) Leva-o, então.

DÓLI - (Desistindo de insistir na recusa) Não... não podes ser tão boa, assim.

DÉA - Não queres?

DÓLI - (Secando resolutamente as lágrimas e cessando os soluços) Será como um empréstimo. Juro que te pagarei, Déa.

DÉA - (Gozando com estranho sadismo a humilhação da outra) Não precisas pagar-me, Dóli. Já estou paga, pelos convites que me consegues, pelas festas a que me acompanhas... Não me deverás nada. Isso será como um acerto de contas (com um sorriso malicioso), até abirmos uma nova.

DÓLI - (Radiante) Como és boa, minha amiga! (Queixosa) Apesar de teres sido tão cruel comigo. Mas eu saberei ser grata, ah! muito grata. (Levantando-se, com aflitiva esperança) Mandarás, então, o dinheiro?

DÉA - Amanhã o terás.

DÓLI - (Toma a mão de DÉA, sacudindo-a com vigor) Muito, muito obrigada! (Com fingido receio) Ah! Espero que nossa amizade não se tenha alterado?

DÉA - (Sorri com amargura) Nada alterou-se. Continuaremos o negócio.

DÓLI - (Fazendo-se desentendida) És um anjo na terra! (Apronta-se para sair) Agora vais me dar licença. (Aflita) Não me queiras mal, Déa. Prometo-te não repetir.

DÉA - (Sem procurar detê-la) Eu espero.

DÓLI - (Novamente faceira, como se nada houvera acontecido) Então, até

outra vez. (Beija, rapidamente, ambas as faces de DEÁ sem que esta retribua o gesto) É um amor de amiga! (Vendo que DEÁ se presta a acompanhá-la) Ah! Meu bem, não precisas acompanhar-me. Eu conheço o caminho. (Sai).

1.12. - CENA

(DEÁ fica só, dando alguns passos pela cena. Suas mãos, seu olhar denotam a tempestade de sentimentos que se abate sobre sua alma; sua amargura, sua raiva, sua pena e seu orgulho travam luta dentro de si. E em tudo isso paira a imensa dor de seu problema sem solução: é uma mulata aceita de favor, não pelo que vale como pessoa, mas pelo que representa a sua riqueza).

MATILDE - (Entrando) Puxa! Dona Dóli safu daqui com uma cara dos diabos!

DEÁ - (Perdendo uma ponta de dúvida em seu coração) Eu devia saber que o seu choro era fingido.

MATILDE - Ela chorou? Parecia danada da vida.

DEÁ - Matilde, ela é uma ladra, mentirosa e trapaceira, mas eu preciso dela, Matilde. (assaltada por uma dúvida) Preciso, mesmo?

MATILDE - (Com franqueza) Precisa, coisa nenhuma, Déa! "Aquilo" é, até, má companhia. É tão galinha que, se tomar um banho quente, vira canja. (DEÁ ri da piada de MATILDE, que continua) E no entanto é a "senhorita Dóli" e tal e coisa. Grande sirigaita, isso sim!

DEÁ - (Tendo cessado o riso) Eu sei, Matilde. Ela não presta; é descarada, hipócrita, vaidosa e fútil. Mas é branca, Matilde. (Com raiva) E eu a invejo! A tola e desgraçada de mim, a invejo, Matilde. Porque ela é branca... (Deixa-se cair na poltrona, com um soluço em que extravaza toda a sua amargura).

(PANO lento com o AUDIO em crescendo para o

FIM DO 1º ATO).

Concurso de Dramaturgia
 Qorpo Santo - Etapa Estadual

UM TALHER, PARA SEMPRE...

Dom Vidal

2.- 2º ATO

2.1. - CENA

(AUDIO com a música mesclada à de um noturno de Chopin executado ao piano. Terminada a música do AUDIO ouve-se o noturno com toda a clareza já em seu final. Ao subir o PANO a CENA está iluminada apenas pela luz indireta da larga porta envidraçada ao fundo, mostrando as cores de um entardecer. LAURO se acha reclinado numa das poltronas, com o olhar fixo no teto, sonhadoramente, ainda sob o encanto da música que ouvira com atenção. DÉA se acha sentada na banquetta do piano, as mãos languidamente descansando sobre o teclado).

LAURO - (Endireitando-se na poltrona) Bravo! Você também é uma pianista maravilhosa!

DÉA - (Contente com o elogio) Também?

LAURO - Você tem sido uma companhia maravilhosa nessas duas semanas em que estou aqui.

DÉA - Sim?

LAURO - Claro. Você é alegre, divertida. Séria, quando precisa. Dança muito bem. Até, quando vamos ao cinema, sabe escolher os filmes que me agradam. E tem uma boa conversa.

DÉA - Por falar nisso: conversemos?

LAURO - Se você quiser...

DÉA - (Que desde o início do diálogo voltou-se no tamborete, encarando LAURO) Você pretende ficar aqui, na cidade, definitivamente?

LAURO - (Sem saber onde DÉA quer chegar) Diria que minha permanência ainda depende de algumas circunstâncias.

DÉA - (Maliciosa) Algum romance?

LAURO - (Sorrindo) Pode aparecer...

DEA - Alguém que eu conheça?

LAURO - (Ri) Não, você não conhece (Há uma segunda intenção na entonação de sua voz que DEA não percebe). Não é nenhuma de suas amiguinhas.

DEA - (Curiosa) E eu não posso saber?

LAURO - (No mesmo tom de voz) No seu devido tempo. Você será a primeira a sabê-lo, prometo-lhe. (Há um pequeno silêncio de que LAURO se aproveita para torcer o assunto) E você? Tem algum pretendente?

DEA - Tenho.

LAURO - (Espanta-se) Hem?!

DEA - Por que se admira? Não posso ter um?

LAURO - (Explicando) Admira-me que só agora me diga que tem um noivo.

DEA - (Compreende e apressa-se em corrigir) Ah! Mas ele não é meu noivo.

LAURO - Você ainda não decidiu?

DEA - (Sorri) Na verdade, nenhum de nós, ainda, decidiu.

LAURO - E por que? Ele é velho, pobre, feio? Moço, rico, bonito?

DEA - (Sorri outra vez, ante a curiosidade de LAURO) É simpático. Moço. Mais moço que você. (Corrigindo) Não muito.

LAURO - (Continua o interrogatório) Pobre ou rico? Como se chama?

DEA - (Condescendente) Chama-se Carlos. É pobre.

LAURO - E por isso você ainda não decidiu?

DEA - (Negando) Não, não por isso! Não acredito que Carlos quisesse casar comigo por causa de meu dinheiro. Ele tem um grande coração.

LAURO - E você? Gosta dele?

DEA - (Rindo) Você está me saindo um grande inquisidor! (Séria) Gosto, mas não para casar, sabe? Gosto dele como se fosse um irmão mais velho, camarada e brincalhão.

LAURO - (Sorrindo, por sua vez) Uma última pergunta: ele ama você?

DEA - (Refletindo) Sim, Acho que sim. As mulheres têm um sexto sentido para perceber essas coisas.

LAURO - (Lembrando) A gente sempre gosta de quem não gosta da gente.

DEA - Não é, bem, o caso. A maneira de gostar é que não combina.

LAURO - Gostaria de conhecer esse rapaz.

DEA - (Sorrindo) Pois vai conecte-lo ainda hoje. (Olha o relógio no pulso) Ele telefonou dizendo que viria jantar e costuma ser pontual. (Há um curto silêncio, durante o qual LAURO demonstra a sua expectativa no olhar e logo DEA retoma a conversação) Carlos não se importa que eu seja mulata. Acredito que me ame justamente por isso.

LAURO - Com exagerada malícia) Não tem mau gosto, o rapaz!

DEA - (Sem deixar-se impressionar) Mas eu não quero ser amada assim. Sabê? Às vezes gostaria de trocar a minha vida com Matilde. Ser uma simples empregadinha sem instrução, sem outros sonhos que namorar o seu chofer e viver o seu romance de arrabalde. Viver e amar, livre de dúvidas e complexos. Simplesmente amar. (Citando:) Como a flor ama a luz, como a estrela ama o céu...

(A luz indireta que ilumina a sala, vinda pela porta envidraçada, diminuiu sensivelmente. Anoitece).

DEA - (Continuando, enquanto LAURO permanece em silêncio) Mas eu sou uma moça como as outras, Lauro. Eu, também, sonho com um príncipe encantado! Eu, também, espero aquele que há de vir me despertar para o amor, para fazer-me sua esposa e mãe de seus filhos! (Ri , baixinho e tristemente). Apenas, sou uma Branca de Neve fechada no esquife das convenções, esperando, em vão, pelo seu príncipe.

(Escureceu. Já mal se distingue os atores em CENA).

LAURO - (Levantando-se) Déa...

DEA - (Ergue o rosto para LAURO numa interrogação muda).

LAURO - (Repetindo, com a voz embargada pela emoção que o domina) Déa!

DEA - (Com seu calmo tom de voz habitual) Faça luz, Lauro, por favor .

Está escuro.

(LAURO para, indeciso. Mas o tom calmo de DÉA chamou-o à realidade. Dirige-se para a chave de luz e move o comutador. A claridade invade a sala. DÉA leva as mãos ao rosto, tapando os olhos).

LAURO - (Sentindo voltar-lhe a emoção) Déa, você... (Vai apressado até ela) Você está chorando?

DÉA - (Ri, nervosa, destapando o rosto) Não, meu amigo. Apenas, a luz me feriu os olhos. (Noutro tom) Sabe que há vezes em que detesto a luz?

LAURO - (Intrigado) Por que?

DÉA - É que, no escuro, todos os gatos são pardos. (Com alusão a si mesma) Mesmo os pardos...

LAURO - (Protesta) Você não tira essas idéias da cabeça?

DÉA - (Sorrindo) Não estão na cabeça, estão na pele.

LAURO - (Irritado, volta a sentar-se em seu lugar) Mudemos de assunto.

DÉA - (Com entusiasmo) Ótimo! (Levanta-se da banquetta e vai até LAURO). Saia da casca e fele de si mesmo. Até agora só eu confiei segredos e pensamentos. (Aninha-se na poltrona vaga, atenta).

LAURO - (Aceitando a proposta) Não tenho muito que dizer. Fui um garoto de classe média, criado pelos parentes, pois meus pais morreram cedo. O dr. Justino, amicíssimo de papai, me custeou os estudos até a Faculdade. Lembro-me que no meu tempo de guri passava as férias na fazenda, ouvindo tia Cipriana me contar histórias... Depois, o dr. Justino casou. Mais tarde, dona Júlia faleceu... Engraçado! Não me lembro de você nesse tempo.

DÉA - (Que escutava com atenção) É bom. Lembraria, também, uma história suja.

LAURO - (Sem fazer conta da resposta) Talvez a essa época você estivesse com a mãe do dr. Justino e seria, ainda, um bebê (sorri e lembra) Você devia ser um lindo neném!

DÉA - (Fingindo severidade) Você é o assunto, não esqueça.

LAURO - Não há muito mais que falar. Quando o dr. Justino veio, definitivamente, para a cidade, eu já havia mudado para outra, com os meus parentes. Depois, formei-me, andei fazendo cursos no exterior e percorrendo o Brasil... até encontrar você.

DÉA - (Ingenuamente) Foi tão importante o seu encontro comigo? Parece ~~me~~ fazer dele um marco.

LAURO - (Fitando-a intensamente) - Foi, foi muito importante.

DÉA - (Enleada) Realmente?

2.2. - CENA

MATILDE - (Aparecendo à porta) Dão licença? (Sem esperar resposta, entra em CENA, dando dois ou tres passos) Déa, o "seu" Carlos está aí.

DÉA - (Levanta-se, alvoroçada) Mande-o entrar, logo, Matilde! (Para LAURO) Você vai conhecê-lo!

LAURO - (Reparando) Você ficou tão contente!

DÉA - (Ainda sem esconder a sua alegria) Pudera!

MATILDE - (Sai).

2.3. - CENA

(Logo entra CARLOS, quase esbarrando em MATILDE, a sair)

CARLOS - (Sorridente, indo direto a DÉA com ambas as mãos estendidas) Como vai, minha Branca de Neve?!

DÉA - (Alegre, apertando-lhe as mãos) Estou bem. E você? Por onde tem andado durante toda essa ausência?

(LAURO levanta-se).

CARLOS - Passei tres semanas morrendo de saudade, a andar por aí. (Olhando-a fixamente e ainda a segurar-lhe as mãos) Só agora estou bem! (Vendo LAURO cumprimenta-o) Boa noite. (Solta as mãos de DÉA).

LAURO - (Formal) Boa noite.

DÉA - (Para ambos) Ah! Quero apresentá-los. (Para LAURO) Este é Carlos, o amigo de que lhe falei. (Para CARLOS) Este é Lauro, amigo de papai e meu também. (LAURO e CARLOS apertam-se as mãos).

LAURO - (Formal) Muito prazer.

CARLOS - (Expansivo) Muito prazer, digo eu. Você é daqui mesmo?

LAURO - Sim, porém estive muitos anos ausente.

DEA - (Para ambos) Mas sentem. Conversemos até a hora do jantar. Você fica, não? Carlos. (Senta-se)

CARLOS - (Deixa-se cair no sofá enquanto LAURO senta-se calmamente na poltrona que antes ocupava)) Claro! Vim para isso! Depois de matar a saudade, matar a fome.

DEA - Eu sempre gosto de pôr um talher a mais, na mesa.

CARLOS - (Sério) Para mim, gostaria que o pusesse sempre.

LAURO - (Notando o enleio de DEA) Os quitutes de tia Cipriana são convidativos.

DEA - (Disfarçando com um riso o embaraço passageiro) Para quem diz!

CARLOS - (Voltando ao seu modo bem humorado) Essa boa preta velha é um fenômeno: tem cara de bruxa, mãos de fada e coração de anjo. Já se viu ente assim?

DEA - (Protestando) Não diga que Bá tem cara de bruxa. Nunca ouvi falar numa bruxa preta.

CARLOS - (Teimando) Na Africa tem!

LAURO - (Entrando na conversa) Não acredito em bruxas, mas elas existem.

CARLOS - (Para DEA) E alguma encantou você.

DEA - (Com garridice) Estou encantada?

CARLOS - Não, está encantadora.

LAURO - Avalizo integralmente.

DEA - (Levanta-se, sem levar a sério o que ambos dizem) Estão muito galanteadores! Vão me dar licença para ver se papai já chegou e como anda o jantar.

(LAURO levanta-se e CARLOS reclinase no sofá, abrindo os braços sobre o encosto)

DEA - (Na porta, sorri para os dois) Conversem à vontade, sem falar mal de mim. (Sai).

2.5. - CENA

LAURO - (Dá alguns passos pela sala sob o olhar indiferente de CARLOS e detem-se à frente deste) Desculpe-me a franqueza, mas a posição que ocupo nesta casa, como amigo de Déa e de seu pai, me autorizam a fazer a pergunta: você gosta, mesmo, de Déa?

CARLOS - (Sincero, sem se mostrar melindrado) Eu a amo. (LAURO estremece ao choque da confissão) E me parece que você... também.

LAURO - (Titubeante) Eu? eu? Eu... não sei. Eu... (A revelação interior o surpreende e deixa-se cair na poltrona). Como pôde imaginar?

CARLOS - Notei o seu olhar apaixonado, quando entrei. Um certo desagrado de sua parte como se eu tivesse chegado na hora errada.

LAURO - (Admirado) Como sabe?

CARLOS - (Sorrindo) Tenho alguns dotes de Sherlok Holmes.

LAURO - (Permanece em silêncio, engolfado em seu íntimo problema).

CARLOS - (Citando) "Dois amam só uma"... (Querendo lembrar-se) Como é, mesmo, esse verso? (Procura recordar, não o consegue e desiste) Não vem ao caso. O certo é que ambos amamos a mesma mulher, não é? (LAURO permanece em silêncio, com o olhar perdido no espaço) Dolorosamente para mim, é você quem tem mais chance.

LAURO - (Saindo do seu mutismo, volta-se para CARLOS) Como assim? Por que?

CARLOS - (Procura posição melhor no sofá, para que LAURO lhe preste atenção) Veja bem, Déa quer ser branca e eu a desejo, justamente, porque é mulata; a você não lhe importa a cor. Déa se acredita espiritualmente negra e você a ama pela sua mentalidade de branca. Certo? A mim não importa o que ela seja na sua individualidade, embora a admire. (Espera uma resposta de LAURO que não vem). Somos bem como o arlequim e o pierrô da história. E a sua vantagem está em que Déa prefere os pierrôs aos arlequins...

LAURO - (Pensativo) Creio que o entendo.

- CARLOS - (Displieente.) Nem é preciso. Nada se altera se não entender.
(Com ar professoral) O caso de Déa não é raro. Aliás, qualquer pessoa está sujeita a qualquer complexo. Veja bem, Déa foi criada por brancos, conviveu com crianças brancas e estudou em colégio de brancos. Ela se sente branca, o que não combina com a sua cor. É o princípio de tudo mais.
- LAURO - Nós já conversamos sobre isso.
- CARLOS - (Admira-se) AH! Sim?
- LAURO - Falamos do particular e partimos para o geral. Déa acha que a discriminação é originada no medo dos brancos de que a negritude, conquistada a igualdade, venha a sobrepujá-los, invertendo a posição atual.
- CARLOS - Também já falamos nisso. (Voltando ao tom professoral) A discriminação racial, entre brancos e pretos, na minha opinião é mútua, sendo que o negro se discrimina mais do que é discriminado, e há discriminação, também, entre os integrantes de cada grupo. No mais eu diria, não fosse realidade, que isso tudo é invenção de sociólogos, políticos e ficcionistas.
- LAURO - Mas não podemos negar...
- CARLOS - Não, não podemos. O problema é que, a meu ver, é inventado. Só não inventaram ainda, a solução. Sempre me parece que a diferenciação é mais pessoal do que social.
- LAURO - Concordo. Por exemplo, numa mesa de bar você pode aceitar um negro, assim como rejeitar um branco.
- CARLOS - (Escondendo um bocejo) No fundo, no fundo, tudo é muito engraçado.
- LAURO - (Sério) Eu não acho.
- CARLOS - (Justificando-se) É que eu não costumo levar essas coisas muito a sério, sabe? Modificaria algo a minha mortificação? (respondendo-se) Não! Deixemos, pois, que o destino trace os rumos da humanidade.

LAURO - (Sorrindo, pelo tom enfático que CARLOS deu à sua frase) E Déa?

CARLOS - (Sério) Déa, um dia há de curar-se, quando casar. (Rindo) Parece conselho para criança, não é?

LAURO - Façamos um pacto: nada de briga a espada ou a pistola.

CARLOS - Nem socos.

LAURO - Tudo pela felicidade da nossa querida Déa!

CARLOS - E pela vitória do amor!..

2.6. - CENA

DÉA - (Entrando, ouviu, apenas as últimas palavras de CARLOS) Pois que?!

Falam de amor? Julgava que tratassem de assunto mais sério!

LAURO - (Levanta-se, como CARLOS, à entrada de DÉA) E amor não é um "caso sério"?

CARLOS - Não zombe de dois namorados.

DÉA - (Sinceramente admirada) Dois?! (Olha para LAURO e para CARLOS, de cada vez).

CARLOS - Um é este seu eterno enamorado, Branca de Neve. O outro, por incrível que pareça...

LAURO - (Adiantando-se, com um olhar significativo para CARLOS) O outro, enamorado de um mistério.

DÉA - (Surpresa) Você, Lauro? Mas é espantoso! Mal se conhecem e trocam confidências...

LAURO - Foi mais adivinhação que confidência.

CARLOS - E não pergunte. É segredo.

DÉA - (Fingindo-se amuada) Mistérios... Segredos... Estão a troçar de mim. Por castigo, mandarei retardar o jantar.

2.7. - CENA

JUSTINO - (Entrando, com ar jovial) E paga, o inocente, pelos pecado - res?

DÉA - (Voltando-se, surpresa) Já chegou, pai?

JUSTINO - (Beijando DÉA na face, alegre) Me parece evidente! (Dirigindo-se para CARLOS) E o nosso jovem professor, por onde andava x

que não tem aparecido?(Abraçam-se amigavelmente).

CARLOS - (Respondendo) Por aí, como um vagabundo trabalhador.

JUSTINO - (De passagem, para LAURO) Boa noite, Lauro.

LAURO - (Responde) Boa noite, dr. Justino.

JUSTINO - (Continuando, para CARLOS) Descansando, não é? da última esfrega nas damas.

CARLOS - (Fazendo-se chocado) Dr. Justino!

JUSTINO - (Atrapalha-se, pelo duplo sentido da frase, depois ri, com gosto) Ah! rapaz! Você sabe que me refiro ao jogo!

(TODOS riem do involuntário deslize de JUSTINO).

DEA - (Trocando o riso por um largo sorriso) Com essa, vamos para a mesa. (Para CARLOS) Bã preparou-lhe uma surpresa.

CARLOS - Eu já sei. Ela prepara, sempre, a mesma surpresa.

(Vão saindo, TODOS, com DEÁ à frente, os homens a falarem sobre o jogo aludido, e as vozes se perdem no interior da casa).

CORTINA

2/QUADRO 1

2.3. - CENA

(LAURO se encontra reclinado no sofá, lendo um jornal. CIPRIANA entra, atravessa a sala em direção ao jardim de inverno e examina se está fechada a porta, voltando para sair sem perceber a presença de LAURO).

LAURO - (Dobra o jornal, colocando-o sobre a mesa de centro. Ergue-se e alcança CIPRIANA que vai a sair, tocando-lhe o braço) Tia Cipriana...

CIPRIANA - (Estremece visivelmente assustada) Uai!

LAURO - (Sorri ao susto da preta velha, mas penalizado) Não quis assustá-la, "tia" Cipriana.

CIPRIANA - (Com as mãos sobre o coração)Cruiz! Num vi meee...

LAURO - (Tomando-lhe o braço e conduzindo-a até o sofá) Venha cá,"tia" Cipriana, sente-se. Quero falar com a senhora.

CIPRIANA - (Toma lugar à beira do sofá, timidamente) É só dize, nhozi-

nho.

LAURO - (Confidencialmente) Diga-me: Déa tem falado em mim, para a senhora?

CIPRIANA - (Risonha) Ih! Ih! Não fizemo outra coisa quando temo junto.

LAURO - (Curioso) E daí? Que é que ela diz?

CIPRIANA - Tá sempre priguntando como nhôzinho era quando era pequeno.

LAURO - Ela não fala assim como quisesse ser minha... namorada?

CIPRIANA - (Embaraçada) Não, mais... (Confidenciando) Tem veis que eu acho que ela queria que mecê fosse o namorado dela.

LAURO - (Depois de breve pausa) Escute, "tia" Cipriana. Que é que a senhora acha que ela diria, se eu lhe pedisse para casar com ela?

CIPRIANA - (Com assombro e desconfiança) Pra mim?!

LAURO - (Impaciente) Não, "tia" Cipriana! Para ela.

CIPRIANA - Nhôzinho me pregô outro susto. (É evidente o alívio que sente).

LAURO - (Ansioso) Então?

CIPRIANA - Mecê tá arresorvido?

LAURO - Claro que estou. Mas antes eu gostaria de saber se ela gosta de mim. Acha que posso falar com ela?

CIPRIANA - (Torce as mãos, nervosa) A preta véia ia ficá muito contente. Mais...

LAURO - (Com paciência) Mas que, "tia" Cipriana?

CIPRIANA - (Baixa a cabeça, pensativa, depois olha para LAURO) Se nhôzinho tá arresorvido, devia falá pra ela. Mais... mais... (Pára, indecisa).

LAURO - (Como antes) Que é que há, "tia" Cipriana?

CIPRIANA - (Resolvendo-se) Antes mecê precisa sabê de uma coisa...

LAURO - Diga.

CIPRIANA - (Depois de um suspiro) A preta véia trais esse segredo guardado no coração fais mais de vinte ano... Pur causa dos bran-

co os preto tem que segurá as ponta.

LAURO - (Para animá-la) E branco não guarda segredo de negro, não é?

CIPRIANA - (Resignada) É... Os branco é que manda, nhôzinho.

LAURO - (Um tanto aflito) Mas que segredo é esse, "tia" Cipriana? Vamos, conte.

CIPRIANA - (Outra vez indecisa) Num sei... Mais tenho que dizê. Pra Déa se filiz eu tenho que lhe dizê, nhôzinho. Deus Nosso Sinhô me perdôe si eu tô errada.

LAURO - (Persuasivo) Vamos, conte, "tia" Cipriana.

CIPRIANA - (Resoluta) Mais nhôzinho tem que jurá que não conta pra ela. Déa num precisa sabê, pro bem dela. Jura, nhôzinho!

LAURO - (Beijando os indicadores cruzados) Juro, por Deus!

CIPRIANA - Pois então... Nhôzinho casa com Déa mesmo sabendo que ela é neta desta preta?

LAURO - (Estarrecido com a revelação) Não é possível!

CIPRIANA - (A voz embargada pela emoção) Então? Mecê casa cum ela? Mecê vai cum ela pra sociedade, sabendo que a avó preta tá na cozinha trabaiando? Diz, nhôzinho, mecê é tão bão assim? Mecê vai podê esquecê que a mãe dela era a Cilina, preta que nem eu?

LAURO - (Ainda sob o choque da confissão de CIPRIANA, falando para si mesmo) Não pode ser!

CIPRIANA - (Fungando, a suster o pranto) Não, não pode... mas Deus quis assim. (Continua, a lembrar-se) Cilina morreu quando pariu ela, coitada da mia fia. Levarô Déa pra longe. Só truxero ela de vorta quando tava cum sete ano e a mãe do dotô Justino farto. Mecê não ia mais na fazenda, já era rapais e tava estudando. Aí o dotô Justino casô e levô ela cumigo pra casa deles. (Mais baixo, desconfiada) Ela num sabe e nhôzinho jurô não dizê.

LAURO - Fique tranquila, "tia" Cipriana. (Intrigado) Déa nunca descon -

fiou?

CIPRIANA - (Abanando a cabeça) Não. Nunca dissero pra ela, nem a véia se manifestô. (Chorando, com as suas recordações) Ela era tão querida, tão mimada... Tratada como branca! Pra que eu ia dizer? Num precisava saber. E agora, pra que se atormentá com isso? (Secando os olhos com as mãos, como a justificar) Ela que se branca, nhôzinho!

LAURO - (Compreensivo) Pobre "tia" Cipriana...

CIPRIANA - (Chorando novamente) Os branco ficaro cum ela. Eles toma tudo dos preto! (Revoltada) Tudo! Tudo! Me tiraro da mia mãe que era iscrava. Dispois, quando não tinha mais iscravidão, leváro mia fia. E me tomaro a mia neta! (Resignada) Eu sei... Preto num tem direito, preto é bicho, nhôzinho. Preto num pode amá e num tem querê. (Soluça) Preto só tem direito de chorá. (Levanta-se para sair).

LAURO - (Segurando-lhe a mão para que não se vá) Todos nós choramos, "tia" Cipriana. Porque sofremos, todos nós, brancos e negros, judeus e amarelos. A humanidade é solidária no pranto, mas todos nós também ganhamos nosso quinhão de felicidade. Quem disse? (Citando) "Assim como a noite cobre todos os povos, o sol se levanta para todas as raças. (Pausa) A senhora não acredita em Deus?

CIPRIANA - (Com respeito) Aquerdito, nhôzinho. (Ingenuamente) Só que às veis eu acho que Deus é branco e si esquece dos preto.

LAURO - Não, "tia" Cipriana. Deus não faz distinção entre brancos e negros. Deus distribui, indistintamente, a cada um, um pouco de sombra e um pouco de luz. A senhora já sofreu muito e agora é a sua vez de ser feliz. Acredite, se Déa gostar de mim, todos seremos muito felizes.

CIPRIANA - (Esperanzada) Então, mecê num se importa de eu se preta?

LAURO - (Sorrindo, com carinho, levanta-se e abraça a negra velha) A senhora sempre foi minha avôzinha. Um dia a gente vai contar para Déa. Tenho a certeza de que ela ficará muito contente. (CIPRI-

ANA corresponde ao abraço de LAURO).

CIPRIANA - (Com infinita gratidão) Nhôzinho...! (A felicidade enche-lhe a voz de soluços e duas lágrimas lhe rolam dos olhos cansados, como auroras de luz) Deus lhe abençoe, meu fio...

(PANO, enquanto o AUDIO em crescendo acompanha o

FIM DO 2º ATO).

Concurso de Dramaturgia
 Qorpo Santo - Etapa Estadual

UM TALHER, PARA SEMPRE...

Dom Vidal

3. - 3º ATO

3.1. - CENA

(Ao subir o PANO LAURO está em cena, junto ao piano. No fundo, a E. , através da porta envidraçada, vê-se o VULTO de CARLOS, debruçado na sacada. LAURO, de pé, procura arrancar do teclado uma melodia, tocando as teclas com um dedo só. DÉA aparece à entrada espiando para dentro da sala, quando vê LAURO).

DÉA - (Da entrada, alegre) Você está aí?

(O VULTO toma vida e se ergue à voz de DÉA).

LAURO - (Voltando-se para DÉA, sem deixar o lugar) Foi bom você ter aparecido.

DÉA - (Chega até o centro da sala) Você reparou que tenho o defeito de perguntar às pessoas se estão no lugar em que as vejo?

LAURO - (Retornando ao piano) Não chega ser um defeito. É comum.

DÉA - (Vai até o sofá, onde se deixa cair, com um suspiro de alívio) Uf! Estou esfalfada de tanto subir e descer escadas!

LAURO - (Continua martelando ao piano, procurando a sua melodia) Déa...
 (Bate uma nota errada) Você nunca quis saber da conversa que tivemos, eu e Carlos, no outro dia?

DÉA - (De onde está) Felizmente a curiosidade não mata.

LAURO (Sempre tentando achar a melodia) Gostaria que eu lhe contasse?

DÉA - Levanta-se e vem até onde está LAURO. Ao seu lado bate a nota que ele procurava em vão) Sim. (Ela pressente a importância da conversa que terão a seguir).

LAURO - (Prosseguindo na sua busca musical) Você ama Carlos?

DÉA - (Ajudando-o) Não.

(O VULTO vem até a porta envidraçada e pára, sem que os outros dois o tenham percebido).

LAURO - (Batendo algumas notas) E você sabe que ele a ama?

DÉA - (Retira as mãos do teclado e fica olhando LAURO fixamente) Sei.

LAURO - (Ainda a buscar a melodia que não encontra) Sabe que ele a quer sinceramente, sem pensar na sua fortuna e na sua posição? Sabe que ele a ama de todo o coração? (Bate duas notas erradas a seguir) E sabe que ele merece o seu amor?

DÉA - Penso que sei.

LAURO - (Desistindo da música, volta-se para DÉA) Se ele a pedisse, você casaria com ele?

DÉA - (Baixando os olhos) Não.

(O VULTO leva as mãos à cabeça, em desespero, como se a resposta o ferisse).

LAURO - (Com a voz embargada pela emoção) Por que? (DÉA o fita e desvia o olhar. LAURO, sem poder dominar-se toma-a em seus braços) Déa! (DÉA entrega-se ao amoroso amplexo, escondendo o rosto no peito de LAURO) Déa, querida... (Afimial, confessando) Se tu soubesses quanto te amo!

DÉA - (Com a voz comovida, abafada no abraço de LAURO, ingênua e feliz) Então... então você quer casar comigo?

LAURO - (Hesitante e sorridente) Bem, Déa, você sabe...

DÉA - (Não lhe viu a expressão e repele-o bruscamente, interpretando mal a hesitação que percebeu na voz dele) . Seus olhos perderam toda a ternura e fuzilam de indignação. Sua voz se impregna de desprezo e raiva) Eu devia saber! Eu devia! (Também o desespero vibra em suas palavras) Mas não podia adivinhar que você fosse tão baixo e vil!

LAURO - (Paralizado pela surpresa) Déa?!

DÉA - (Como antes) Afimial, que esperava a negra do moço branco? Acaso a ser sua esposa e a mãe de seus filhos... legítimos? Que preten-

siosa fui, não? (Com amarga ironia) A negra aspirando à mão do moço doutor! A preta pensando ser branca porque estudou um pouco e tem algum dinheiro!

LAURO - (Com autoridade) Quer fazer o favor de calar-se?

DÉA - (Indignada) E ainda manda-me calar a boca?! Só porque é branco tem o direito a todas as infâmias? A mim, como negra, cabe calar e suportá-las! (Quase gritando, batendo com a mão no peito) Mas a negra, aqui, tem mais dignidade que você! que abusou da bondade do homem que lhe deu a mão para subir na vida, tentando desonrar-lhe a filha! Vamos, tenha um resto de vergonha: saia daqui! (A sua mãe se ergue para bater-lhe o rosto e cai como um pássaro ferido) Já não pode conter o pranto em soluços) Vamos, saia! Saia daqui!

LAURO - (Indignado, por sua vez) Você está maluca! Como pode pensar e dizer tais coisas para mim?

DÉA - (Escondendo o rosto entre as mãos, soluçante e súplice) Vá embora! Vá embora!

LAURO - (Contendo a ira) Irei, se assim quer. Não posso ouvir, de quem amo, as grosserias que diz! (Quase invectivando-a) Que é que a faz pensar que eu a quero para minha amante? Hein?! Diga! Eu quis ouvir de seus próprios lábios, primeiro que tudo, a confissão de amor que me atrevi a esperar. Antes de falar em casamento, eu precisava saber de você se estaria disposta a partilhar a minha pobreza comigo. Não sou rico sabia? (DÉA não lhe responde, soluçando) Não lhe poderia dar a vida de rica herdeira que você desfruta. Eu quis dizer-lhe, explicar-lhe... (Desistindo, com um gesto brusco) Não adiantaria, mesmo. Se você me amasse...

DÉA - (Interrompendo-o, com raiva, interrompendo-o) Odeio-o! Odeio-o! (Ela própria não acredita na mentira que diz).

LAURO - (Com paixão) E eu te amo! Eu te amo! Mas teu tolo orgulho pôs tudo a perder. Vou embora, porque você me expulsou. Não posso

mais ficar aqui. Só um último favor: pede a Deus para que eu possa te esquecer. (Sai bruscamente).

DÉA - (Vê LAURO sair por entre a névoa de suas lágrimas e geme, chamando-o) Lauro... Lauro... (Mas ele já não a pode ouvir).

3.2. - CENA

(CARLOS entra, vindo do terraço, indo em direção a DÉA)

DÉA - (À aproximação de CARLOS, que julga ser LAURO, volta-se com alegria) Lauro! (Desaponta-se ao ver CARLOS) Oh! É você...

CARLOS - (Com tristeza) Apenas eu.

DÉA - (Sustendo os soluços, sem poder conter as lágrimas) Você ouviu? m
Você ouviu?

CARLOS - (Toma-lhe ambas as mãos, conduzindo-a até o sofá) Ouvi, Branca de Neve. Não pude evitar, desculpe. (Senta-se com DÉA, no sofá, sem soltar as mãos dela).

DÉA - (Amargurada) Sou tão infeliz! Como pude pensar que ele... (Desesperadamente sacode a cabeça, retirando as mãos de entre as de CARLOS para esconder o rosto, envergonhada de si mesma).

CARLOS- Você o ama...

DÉA - (Destapando o rosto onde se revela toda a sua paixão, extravasada em sua voz) Sim, eu o amo! Como eu o amo, meu Deus! Não poderia pensar que ele me amasse do mesmo jeito. Eu, uma mulata, filha de uma negra doméstica e de pai desconhecido!

CARLOS - (Paciente, retoma-lhe uma das mãos que prende entre as dele) Branca de Neve, você tem feito da sua vida uma confusão dos diabos, ora se achando negra, ora se achando branca. Já era tempo de você fixar a sua personalidade, de definir-se como pessoa..

DÉA - (Reprovando-o) Carlos, não é hora para filosofias.

CARLOS - Tem razão. É hora de tratar da sua felicidade. (Permanece por instante em silêncio, como a escolher as palavras que vai dizer) Déa, você nunca pensou em quem fosse o seu pai?

DÉA - Não fale nisso agora.

CARLOS - (Frisando as palavras) Agora é que é preciso falar. (Seu tom de voz prende a atenção de DÉA) Nunca notou a enorme afeição que dr. Justino tem por você?

DÉA - (Ainda sem compreender onde CARLOS quer chegar) Sim, eu sei que o papai me quer muito.

CARLOS - Nunca pensou que ele pudesse ser o seu pai verdadeiro?

DÉA - (Retira bruscamente a mão que CARLOS tinha presa entre as dele) Não é verdade! (Quase gritando o diz).

CARLOS - (Calmo e paciente) Ele não a adotou, Déa. Ele a reconheceu como sua filha.

DÉA - (Desconfiando) Como é que você sabe?

CARLOS - Fui uma das testemunhas de seu testamento, em que ele a reconhece como sua filha natural.

DÉA - (Sem convicção) É mentira.

CARLOS - Branca de Neve, você imaginou a sua vida de modo errado. Sempre imaginou seu pai um canalha e a sua mãe uma santa... que não chegou a conhecer. E você conhece o dr. Justino, seu pai.

DÉA - (Com certa animosidade) Que quer dizer com isso?

CARLOS - (Argumentando com suavidade) Uma negra se entrega a um branco de classe superior, ingenuamente, por timidez ou respeito, ou friamente, por vaidade ou ambição. Ah! Também pode fazê-lo por amor. Nunca pensou porque sua mãe foi amante de seu pai?

DÉA - (Revoltada) Você está inventando histórias!

CARLOS - (Continuando) Você idolatra sua mãe e acredita que ela tenha sido um anjo. Por isso, quer ser negra tal qual ela era. Por outro lado, foi criada como branca, entre os brancos e sentese também branca. Acontece, minha flor, que a miséria humana não tem coloração nem a virtude é apanágio de qualquer raça. Acontece, que só há pessoas, entende?

DÉA - (Abatida, duvidando já sem convicção) Por que me conta essas coi-

sas, só agora?

CARLOS - Para libertar a sua alma do pesadelo que a atormenta. Quando você nasceu essas coisas eram escandalosas e ninguém iria contá-las a uma criança. O dr. Justino, por sua vez viu uma adolescente que odiava o pai e temia pela revelação. Deixou que o tempo corresse, com medo de perdê-la. Só após a morte dele você saberia tudo.

DEA - (Indecisa) Então...

CARLOS - (Sugestionando-a) Então, você não precisa ter medo nem dúvidas quando o seu príncipe encantado voltar. Deixe de lado negros e brancos, preconceitos e discriminações. Você é uma pessoa e como tal é amada.

DEA - (Esperançada) Acha que ele volta?

CARLOS - Ele terá que explicar ao dr. Justino porque deixará a casa. Será uma boa ocasião para esclarecimentos.

DEA - (Arrependida) Ah! Eu lhe disse tanta coisa feia! Expulsei-o de casa! É preciso avisar papai! (Levanta-se bruscamente).

CARLOS - (Segura-lhe uma das mãos, detendo-a) Espere, Branca de Neve. Vamos com calma. Primeiro que tudo, não fale ao dr. Justino do que lhe contei.

DEA - Não poderei fingir que não sei, Carlos.

CARLOS - Não precisa. Ele sempre a tratou como filha e você sempre o quis como a um pai.

DEA - (Aflita) É preciso que ele fale com Lauro. (Solta-se de CARLOS que lhe segurava a mão e vai até a porta chamando) Matilde! Matilde!
(Volta-se para CARLOS com voz chorosa) Ele foi embora!

CARLOS - (Calmo) Foi.

DEA - Como fui louca!

CARLOS - (No mesmo tom) Foi.

3.3. - CENA

MATILDE - (Entrando quase a correr) Pronto, Déa. Que foi?

DEA - (Aflita) Você viu Lauro sair?

MATILDE - Vi, sim. Saiu de cara amarrada, pisando duro...

DEA - Ele não disse nada?

MATILDE - Não... Quer dizer...

CARLOS - Não teria sido um nome feio?

DEA - (Sem se aperceber do humor de CARLOS) Não, senhor. (Para DEA) Ele disse que mandaria buscar as suas coisas, mais tarde.

DEA - (Senta-se, invadida de repentino desânimo) Ele foi embora...

CARLOS - Você o mandou, lembra-se?

MATILDE - Afinal, que aconteceu? Não estou entendendo nada!

CARLOS - Não precisa entender, Matilde. Entende?

MATILDE - (Confusa) Não, senhor.

DEA - (Animando-se) Matilde, telefone para o papai. Diga-lhe que venha para casa logo que possa. Conte-lhe que Lauro foi embora, que é preciso que ele volte...

CARLOS - (Interrompendo) Calma, Branca de Neve. Assim, seu pai pode assustar-se.

DEA - Mas é necessário fazer alguma coisa!

CARLOS - (Erguendo-se para sair) Deixe comigo. No caso dele, um homem toma um porre, é atropelado ou se atira ao trabalho. Acho que sei onde ele está,

DEA - Onde? Onde?

CARLOS - Naquela noite em que vim jantar ele me deu um endereço. Acho que poderei trazer-lhe o seu príncipe, Branca de Neve.

DEA - (Compreendendo o desprendimento de CARLOS) Carlos... Por que faz isso?

CARLOS - (Sério) Por amor a você, minha querida. Eu a amo muito, sabia? (Toma-lhe ambas as mãos e beija fervorosamente cada uma) Tudo quanto desejo é a sua felicidade. E vou buscá-la para você. (Sai, apressado quase esbarrando em CIPRIANA que vem entrando).

3.4. - CENA

CIPRIANA - (Espantada) Uai! Parece que todo o mundo ficou maluco nesta ca-

sa, correndo e gritando...

DÉA - (Chorosa) BÁ! A senhora não sabe o que aconteceu.

CIPRIANA - (Assustada) Cruz! Credo! Qui é qui foi, mia fia?!

MATILDE - (Ainda sem saber que pensar do que presenciou) Afinal, Déa, ■
telefone ou não para o dr. Justino?

DÉA - (Conduzindo CIPRIANA para o sofá) Telefona, Matilde, depressa!

MATILDE - E que é que digo?

DÉA - (Faz CIPRIANA sentar-se e senta-se a seguir ao seu lado) Diga que
papai venha logo que puder, que eu tenho pressa em falar-lhe.

(MATILDE sai, apressada, resmungando a sua incompreensão).

3.5. - CENA

DÉA - BÁ, Lauro gosta de mim!

CIPRIANA - (Serenando-se, com um sorriso) Ora, ora! Era isso qui quiria
me dizê?

DÉA - (Admirando-se) A senhora sabia?

CIPRIANA - Ele mi disse qui quiria casá cum vucte.

DÉA - (Jubilosa) Ele disse, BÁ? Disse?!

CIPRIANA - Confirmando) Hum, hum...

DÉA - (Contando, arrependida) Ele disse que me amava e eu pensei que
não fosse para casar.

CIPRIANA - (Admirando-se) Como pôde pensá isso de nhozinho?!

DÉA - (Chorando) Eu pensei, BÁ. Estou tão arrependida!

CIPRIANA - (Abraça DÉA, afagando-lhe os cabelos) Pobrezinha da mia fia!

DÉA - (Nos braços da preta velha aos poucos vai serenando o pranto) BÁ?

CIPRIANA - Qui é, mia fia?

DÉA - É verdade que papai é o meu pai verdadeiro?

CIPRIANA - (Assustada desfaz o abraço) Quem é qui disse?

DÉA - Então... é verdade?

CIPRIANA - (Baixa a cabeça compreendendo que já não pode negar) Num adi-
anta dizê não. Vucte não ia aquerditá. É, sim, mia fia. O do-
tô Justino é o seu pai de verdade.

DÉA - Por que ninguém me contou? Todo esse tempo... Cada vez que falava no assunto, me davam respostas vagas, desviavam a conversa... Mas agora eu preciso saber, Bá. . Eu preciso, Bá!

CIPRIANA - (Depois de pensar um instante, começa a contar) O dotô Justino era moço e ia passeá na fazenda. Sua mãe era mucama de siá Cunceição, mãe do dotô. (Desvia o olhar de DÉA) Ela num prestava, mia fia. Não uvia os constio, toda factera, se requebrando pro dotô só pra vê ele assanhado. Nego quando num presta, nem o Demo pode cum ele. Ela tanto percurô a desgraça, até que se desgraçô.

DÉA - Bá, por que minha mãe morreu?

CIPRIANA - (Fungando, a suster o pranto) Pruque Deus quis, mia fia. Foi um parto difíci e naquele tempo num tinha os recurso de hoje. Ela num agüentô as cumpricação. Dotô Justino ficô danado da vida, diz que fizero pôco caso da negrinha..

DÉA - É a mãe dela, Bá?

CIPRIANA - (Num fio de voz) Ela num tinha... Ninguém sabe... (Cala-se).

DÉA - (Carinhosa) A senhora sabe? Eu desconfiava que fosse minha avó.

CIPRIANA - (Cerra os punhos que leva à boca para impedir os soluços)
Ia se tão bñõ...!

DÉA - (Consoladora) Mas faz de conta que é, pronto!

CIPRIANA - (Acalmando-se) Nhôzinho disse a mesma coisa.

DÉA - (Erguendo-se bruscamente, ansiosa) Bá! É preciso fazer alguma coisa para que ele volte.

CIPRIANA - (Alisando o avental, procura consolar DÉA) Ele vorta, mia fia. Garanto qui ele vorta.

DÉA - (Sonhadora) Ficaria tão feliz! Ai, Bá. nós vamos morar todos juntos, Voce fará os bolinhos de que ele gosta...

CIPRIANA - (Levanta-se) É tão bñõ a gente botá um taié a mais na mesa, todo os dia!

(DÉA abraça CIPRIANA pelos ombros e vão a sair).

CORTINA

3.6. - CENA

(Estão em cena DÊA e JUSTINO, sentados no sofá, e CIPRIANA, de pé, atrás de ambos, os observa entre carinhosa e apreensiva, com as mãos cruzadas sob o avental).

DÊA - (Ainda há o eco de soluços em sua voz) E Lauro voltará, papai?

JUSTINO - (Carinhosamente toma-lhe uma das mãos que conserva entre as suas) Volta, volta. E aí tudo se esclarecerá.

DÊA - (Duvidosa) O senhor acha que poderemos ser felizes?

JUSTINO - Por que não? Vocês se amam e isso é uma garantia.

DÊA - (Voltando-se para CIPRIANA) E a senhora, Bá, que diz?

CIPRIANA - (Retira as mãos de sob o avental) Deus é qui sabe, mas o doutô Justino tem rezão.

JUSTINO - Vocês precisam ter confiança um no outro para construir uma vida nova só de vocês dois.

DÊA - Eu gostaria que o senhor morasse conosco. E Bá. E Matilde.

JUSTINO - (Sorrindo, comovido) Agora eu sei que realmente me perdôou...

DÊA - (Interrompendo) Não se fala mais "nisso", papai. Passou...

(CIPRIANA, emocionada, procura conter um soluço, levando as mãos ao rosto molhado de pranto. DÊA o percebe).

DÊA - (Carinhosa, volta-se para ela) Que é isso, Bá? Por que chora?

CIPRIANA - (Entre duas fungadelas) De maneira, mia fia...

DÊA - (Levanta-se para abraçar CIPRIANA) Nós não a deixaremos, Bá. (Sorrindo, para consolá-la) Olhe, tudo continuará como até agora... Apenas... (sua face se inunda de felicidade) com um prato a mais na mesa, para sempre!

JUSTINO - (Procurando não se deixar comover) A partir de hoje, se é que aqueles dois chegam a tempo para o jantar.

(De dentro da casa faz-se ouvir o som musical da campainha de entrada)

DÊA - (Desfaz o abraço em CIPRIANA, alvoroçada, tomando a mão de JUSTINO e o carrega em direção à porta, para sair) São eles, papai! Aposto! São eles!

3.7. - CENA

(JUSTINO e DÉA saíram. CIPRIANA fica só, em cena, fazendo baldados esforços para não chorar até que, sem poder conter-se, senta-se numa poltrona escondendo o rosto entre as mãos, os ombros sacudidos pelos soluços. CARLOS entra a seguir).

CARLOS - (Com a dor estampada na fisionomia vê CIPRIANA e dirige-se para ela, tocando-lhe o ombro) Que é isso, "tia" Cipriana?

CIPRIANA - (Erguendo-se, sobressaltada, na poltrona) Uai! (Refazendo-se do susto) Não é nada, "seu" Carlo.

CARLOS - Nada não pode ser. Por que chora?

CIPRIANA - (Enxugando os olhos com a ponta do avental) Alegria de preto nunca é entera. Nego chora até quando tá contente.

CARLOS - (A quem as palavras de CIPRIANA não convenceram) A gente quando quando está feliz, ri e não chora.

CIPRIANA - Nego num é gente, só sabe chorá. Ri de bobo...

CARLOS - (Rindo sem gosto) Tem branco que também ri de bobo, "tia" Cipriana. (Com insistência) É por Déa que chora? Porque ela vai casar e deixar você?

CIPRIANA - Não! Ela diz que nós vai morá tudo junto; que é só botá mais um taié na mesa, pra sempre. Mais num vai se a mesma coisa. Eu sei, eu sei.... ela já me qué como os branco qué os preto; dando o amô de esmola. (E como em desespero) Ela virô branca, "seu" Carlos!

CARLOS - (Procurando consolá-la, senta-se no braço da poltrona e coloca uma das mãos sobre os ombros de CIPRIANA) Vamos, não chore. Pense na felicidade de Déa.

CIPRIANA - Penso, "seu" Carlo. Penso no casamento, tudo abraçando e beijando ela, na festa! E a nêga véia na cozinha, onde é o seu lugá. O siô num acha triste uma coisa dessa?

CARLOS - (Procurando persuadí-la) Não vai ser assim, "tia" Cipriana. Ninguém fará isso para a senhora. Vai ganhar vestido novo e estará

na sala, com Matilde, servindo os convidados. Não fique pensando bobagens.

CIPRIANA - (Susteve o pronto, controlando sua emoção) Eu sei qui é bobage, Mais as idéia vem na mia cabeça sem quere...

CARLOS - (Ergue-se e senta na outra poltrona, as pernas espichadas, fitando colorosamente o teto) A senhora pensou em mim? A senhora a verá, todos os dias, falar-lhe-á, poderá abraçá-la e beijá-la com a sua doce ternura... (Fala mais para si mesmo que para CIPRIANA) E eu? E eu, "tia" Cipriana? Eu que a quero, qua a amo, como só eu sei? Nunca poderei abraçá-la nem beijá-la como desejaria. (Alteia a voz, quase em desespero) Nunca! Nunca! Ouviu, "tia" Cipriana? (Não espera resposta da velha preta) E a senhora diz que a dor é privilégio dos negros! (Leva as mãos à cabeça, sacudindo-a procurando acalmar-se. Ao retirar as mãos a sua fisionomia voltou ao normal) Enfim... (Suspira) Importa é que Déa seja feliz. Eu lhe trouxe o homem que ama... para perdê-la irremediavelmente.

CIPRIANA - (Alegrando-se) Então, nhôzinho veio?

CARLOS - Eu disse que iria buscá-lo.

CIPRIANA - (Agradecida) Deus lhe abençõe, "seu" Carlo.

CARLOS - (Rindo com amarga ironia) Que Deus me abençõe... Deus não se importa com a gente, "tia" Cipriana. Brancos e negros, somos, para Ele, simples animaizinhos, todos iguais, buscando algo indefinível, que não sabemos o que seja e Deus, também, talvez não saiba.

CIPRIANA - (Respeitosa) Nosso Sinhô sabe o qui faiz.

CARLOS - (Argumentando para si) Sim, Ele sabe. Nós, não. E que importa saber? O mundo continuará girando, Déa será feliz, e os problemas sociais continuarão desafiando a nossa sabedoria. Déa está livre de seu complexo, mas milhões de Déas permanecerão acorrentadas aos preconceitos. E as Ciprianas e os Justinos segui-

rão sofrendo as suas renúncias e os seus segredos. Até um dia, "tia" Cipriana, em que o AMOR nos leve tão perto de Deus, que haja respostas para todas as perguntas. Por que amamos? odiamos? rimos? choramos? sofremos? somos felizes?.. A senhora , sabe?

CIPRIANA - (Ingenuamente) Não, siô.

CARLOS - (Ri com fingida alegria) Ninguém sabe.

CIPRIANA - (Contagiada pelo riso de CARLOS, abre um largo sorriso) O siô tá sempre si rindo, "seu" Carlo.

(De dentro , a voz de DÉA, que se aproxima gritando, feliz e exultante - BÁ! BÁ!).

CARLOS - (Levantou-se ao ouvir a voz de DEA) Sempre rindo... (sufocando um soluço) para não chorar. (Em desespero) Para não chorar , "tia" Cipriana! (Com a fisionomia transtornada, os olhos cheios d'agua, não pode ver direito, quando sai, esbarrando nos móveis, desaparecendo pela porta envidraçada do jardim de inverno).

3.8. - CENA

(DÉA entra, quase correndo, trazendo LAURO pela mão, até CIPRIANA, de pé, no meio da sala, ainda atônita com a emoção de CARLOS e a alegria de DÉA).

DÉA - (Sorridente) Ele veio, BÁ! Ele veio!

(DÉA abraça CIPRIANA, no que é imitada por LAURO. A entrada aparecem JUSTINO com MATILDE atrás de si).

DÉA - (Com a mesma alegria esfuziante) Agora, BÁ, você pode pôr um talher a mais, na mesa, todos os dias. Para sempre! Para sempre!

(PANO, lento, enquanto o AUDIO sobe de volume, para a apoteose musical do

FIM DO 3º ATO).

F I M